

Hospitais em vias opostas

Sibele Negromonte
e Tarciano Ricarto

Da equipe do **Correio**

Ele já foi considerado referência no país. Hoje, o Hospital Regional de Sobradinho (HRS), inaugurado há 34 anos, padece com a sobrecarga de pacientes. Macas substituem camas e tomam conta dos corredores da enfermaria. Quartos com capacidade para três leitos abrigam até sete. A sala de espera do setor de urgência é pequena para os cerca de 700 pacientes que procuram a unidade diariamente. “Nosso quadro médico é suficiente para a demanda, mas falta espaço físico”, afirma o diretor Eloadi David Galvão.

A 50 quilômetros dali, na cidade goiana de Formosa, o quadro é inverso. Sobra espaço, faltam médicos e equipamentos. Construído há quatro anos, numa área de quatro mil metros quadrados, o hospital municipal é subutilizado. Não existe centro cirúrgico e o laboratório de análises clínicas está sem funcionar há três meses. Dos 62 leitos, apenas a metade fica ocupada. E não por falta de demanda. Uma consulta médica só é conseguida após muita disputa. Todos os dias, a sala de espera fica lotada de pacientes, que brigam por uma ficha de atendimento, na maioria das vezes sem sucesso.

AJUDA DO VIZINHO

Diante das dificuldades, não há outra saída para os moradores a não ser recorrer ao serviço de saúde das cidades vizinhas de Sobradinho e Planaltina, no DF. “De Miami para baixo, tem gente de tudo que é lugar aqui”, brinca o diretor do HRS. O secretário de Saúde de Formosa, Célio Nishica-

va, admite as limitações. “Não adianta ficar com pacientes internados aqui, porque não temos como tratá-los. Não podemos realizar sequer exames simples”, justifica.

O aposentado Nicodemus Francisco Maciel, 80 anos, sabe bem o que significa isso. Chegou a ser internado no hospital de Formosa por 24 horas, com uma crise de pneumonia. Acabou transferido para o HRS, por recomendação dos próprios médicos. “Ele veio na ambulância do hospital, acompanhado de uma enfermeira”, lembra o militar João Batista Maciel, 48 anos, filho do paciente.

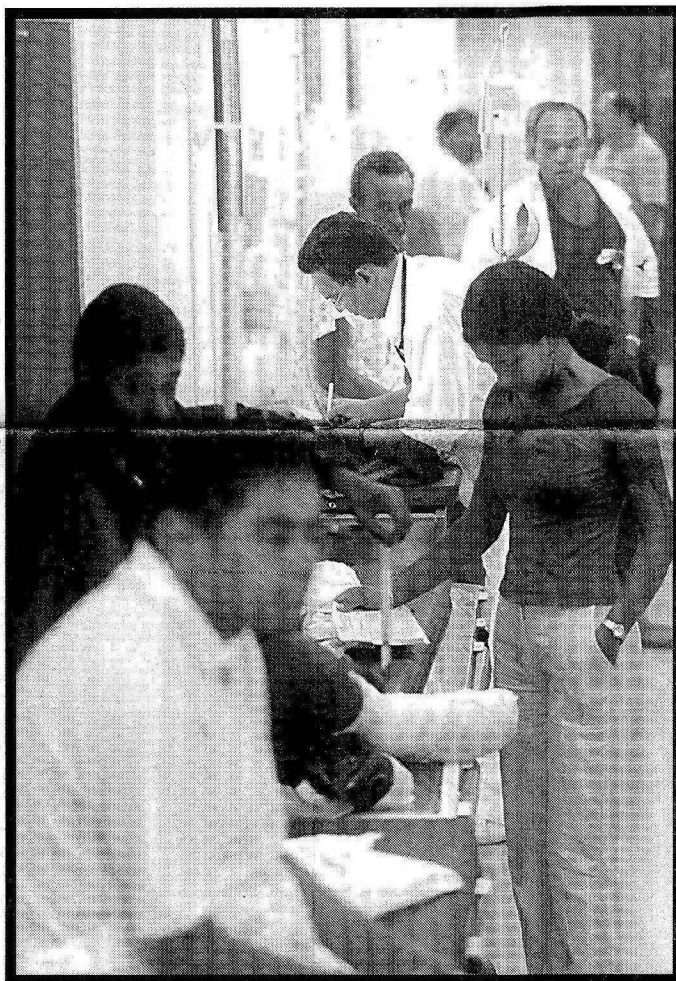
Nishicava explica que os próprios médicos que trabalham em Formosa fazem contato com plantonistas de outros hospitais para facilitar o atendimento de pacientes da cidade. “Os R\$ 210 mil destinados à saúde mensalmente mal dão para manter o sistema. Não temos como investir”, diz o secretário, que acumula a função de diretor do hospital. Ele afirma que seriam necessários R\$ 680 mil para implantar o centro cirúrgico, recurso que está sendo pleiteado junto ao Ministério da Saúde.

Eloadi Galvão, do HRS, garante que o hospital de Sobradinho é capaz de prestar atendimento de qualidade aos moradores da cidade. “O problema é que 70% dos nossos pacientes são de fora. A população local está prejudicada”, estima. No período de janeiro a maio deste ano, passaram pelo serviço social da unidade 1.834 pacientes de Goiás, 140 de Minas Gerais, 46 da Bahia e 37 de estados variados. “Essas pessoas eram apenas aquelas que não tinham como voltar para casa. Gastamos uma média de R\$ 3 mil por mês com transporte para devolver os pacientes de outros estados”, exemplifica Eloadi Galvão.

Fotos: Antônio Siqueira

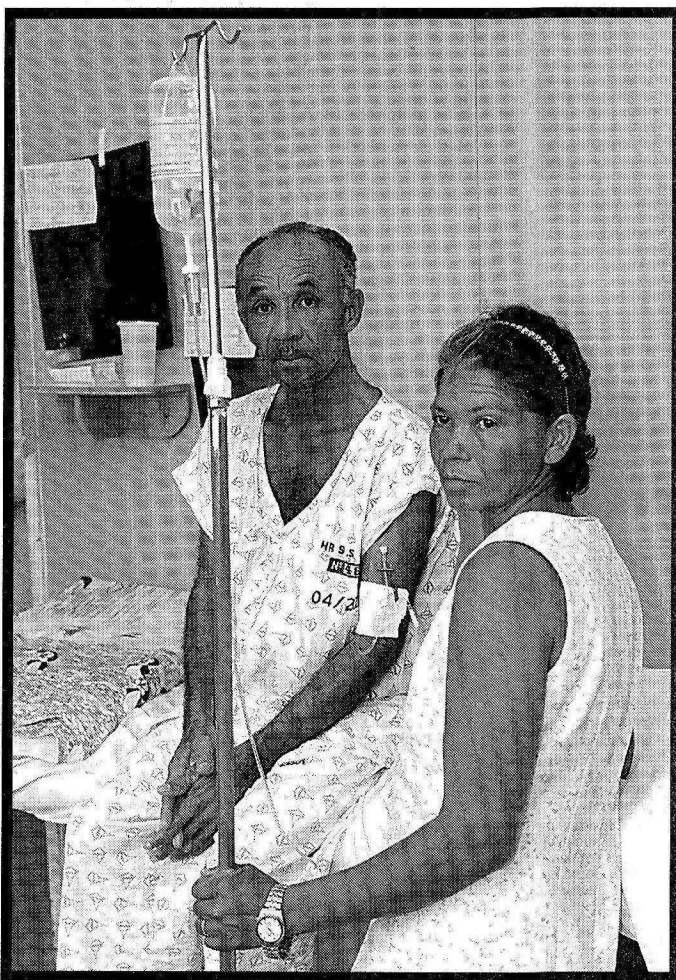


PACIENTES DISPUTAM UMA CONSULTA NO HOSPITAL DE FORMOSA, NA MAIORIA DAS VEZES, SEM SUCESSO. RECORREM, ENTÃO, A CIDADES VIZINHAS



CAMAS IMPROVISADAS

No Hospital Regional de Sobradinho, pacientes se espalham pelos corredores. Quartos onde só cabiam três doentes abrigam até sete. A superpopulação, alertam os médicos, aumenta o risco de infecção.



“VAQUINHA”

Agamenon Rocha deixou às pressas a cidade de Riachão das Neves, na Bahia. Com chagas no intestino, chegou a ser internado no hospital de sua cidade, mas acabou em Sobradinho: “Só aqui ele cura”, explica a mulher do paciente, Cremildes. Ela dorme em um colchonete, ao lado do marido, e chora ao lembrar dos filhos. “Os amigos fizeram uma vaquinha e compraram a passagem.”



TÁXI DO PIAUÍ

O diagnóstico não demorou, mas o tratamento só foi iniciado após 2 horas e meia de viagem. Vítima de derrame, Alcenita do Nascimento Souza, 53 anos, não encontrou atendimento adequado no hospital de Correntes, no Piauí, e acabou transferida para Sobradinho. O táxi que levou toda a noite para chegar a Brasília, foi pago pelo prefeito da cidade. “Ele mandou minha mulher para um lugar mais adiantado”, dizia, agradecido, o marido da paciente, Genésio Tiago de Souza, 52 anos, mesmo sem saber como vai voltar para casa.



VIA-CRÚCIS

Emelina da Paixão, 61 anos, conhece bem os problemas do sistema público de saúde. Moradora de Formosa, em Goiás, tentou atendimento no hospital municipal, sem sucesso. Percorreu 50 quilômetros de ônibus até Sobradinho, mas também não foi atendida. “O pessoal do posto diz que nós temos um hospital e não precisamos mais ir para lá.” Após três viagens, foi consultada. Na semana passada, precisou voltar ao médico. Aguardava desde as 7h por uma ficha, em Formosa. Às 14h, conseguiu. “Acho que lá pelas cinco horas serei atendida.”

Jorge Cardoso



ENDEREÇO TROCADO

Disfarçar o lugar de origem é tática comum entre pacientes que chegam de outras cidades. Foi o que fez Rejane Pereira, moradora de Águas Lindas, quando foi ao HRC fazer o pré-natal. “Dei o endereço de uma tia para não sabermos que era de outra cidade.” A filha está com 5 anos, mas os problemas mudaram pouco. “Melhorou quase nada, mas o pré-natal da minha outra filha consegui fazer aqui”, comemora.